

## Editorial

**Cómo citar:** Cadavid, A., Krohling Peruzzo, C. e Tufte, T. (2024). Reimaginando a comunicação na criação de mundos possíveis.. *Mediaciones*, 33(21), pp.0-0.  
<https://doi.org/10.26620/uniminuto.mediaciones.21.33.2024.0-0>

**Editorial:** Corporación Universitaria Minuto de Dios - Uniminuto

**Recibido:** 19 de Noviembre de 2024

**Aceptado:** 19 de Noviembre de 2024

**Publicado:** 3 de Diciembre de 2024

ISSN: 1692-5688 | eISSN: 2590-8057

# Reimaginando a Comunicação na Criação de Mundos Possíveis

## Reimagining Communication in World-Making

## Reimaginando la Comunicación en la Creación de Mundos

*Amparo Cadavid, Cicilia Krohling Peruzzo e Thomas Tufte*

### Amparo Cadavid B

[maria.cadavid@uniminuto.edu](mailto:maria.cadavid@uniminuto.edu)  
UNIMINUTO.  
Colombia.  
<https://orcid.org/0000-0003-1605-7039>

### Cicilia Krohling Peruzzo

[cicilia.peruzzo@gmail.com](mailto:cicilia.peruzzo@gmail.com)  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Brasil.  
<https://orcid.org/0000-0002-6384-8848>

### Thomas Tufte

[t.tufte@lboro.ac.uk](mailto:t.tufte@lboro.ac.uk)  
Loughborough University.  
Inglaterra.  
<https://orcid.org/0000-0003-3253-8481>

Este número de Mediaciones celebra o 30º aniversário da Faculdade de Ciências da Comunicação da UNIMINUTO, e aproveita esta ocasião para lançar luz sobre o estado atual do campo de pesquisa e prática em Comunicação e Mudança Social. Este é um campo que, por várias razões, se encontra em uma encruzilhada, o que se reflete nesta edição que é diversa e global, a partir de 15 artigos com estudos de nove países da Ásia, África, América Latina e EUA.

Três características em particular são significativas para investigar se quisermos entender a natureza da encruzilhada em que o campo se encontra e se quisermos reimaginar o papel da comunicação na articulação de novas visões e caminhos para o futuro. Em primeiro lugar, uma série de novas abordagens está surgindo, levando-nos para além de meras críticas aos paradigmas dominantes anteriores, oferecem um diálogo de conhecimentos e reconhecem os sistemas de conhecimento indígenas. Em segundo lugar, existe uma crítica crescente às injustiças do desenvolvimento, ao mesmo m que se pensa o papel da comunicação no combate a esses processos. Em terceiro lugar, vemos novos espaços e atores de mudança e transformação, que emergem do coração das comunidades e organizações, e não de mudanças impostas por autoridades ou por instâncias dos poderes econômicos e políticos. Essa força que surge de baixo também se articula com aqueles propósitos de mudança





que geralmente se transformam em políticas públicas, para que por meio de formatos inovadores de governança e governabilidade possam ser alcançadas mudanças urgentes e desejadas.

## **Abordagens emergentes**

Em relação ao primeiro ponto, as abordagens emergentes, o que estamos vendo é um processo de abertura epistêmica e aumento do reconhecimento de outros sistemas de conhecimento, o que está impactando a forma como entendemos, definimos e falamos sobre comunicação, e reflete outras ontologias e outras visões do futuro. Embora por muito tempo tenhamos criticado os paradigmas do passado, as abordagens emergentes não estão apenas criticando-os, mas diferindo fundamentalmente dessas abordagens iniciais que se concentravam no crescimento e na modernização (ver Peruzzo 2022, Herrera-Huerfano 2023). As propostas de hoje incluem a diversidade na produção de conhecimento e um crescente reconhecimento de outras epistemologias. Isso está influenciando amplamente o campo, o que se observa, por exemplo, nos sistemas de conhecimento indígenas que estão ganhando maior visibilidade em toda a América Latina (ver, por exemplo, Suzina 2021), e nos debates africanos paralelos (Teer-Tomaselli, Dyll e Govender 2021). Também se vê nos avanços teóricos que ligam o pensamento decolonial ao campo da comunicação (Tuftte 2024a) e nos crescentes diálogos Sul-Sul em torno da Comunicação para a Mudança Social e a ampliação das cidadanias (Tuftte 2024b). Esses diálogos de conhecimento são fundamentais para o desenvolvimento de novas visões e caminhos de desenvolvimento. No entanto, eles não emergem incontestados.

Obviamente, existem permanências no campo, carregando o legado das tradições de Comunicação para a Mudança Social inspiradas em Paulo Freire e focadas de baixo para cima, enfatizando a participação e a comunicação comunitária e sugerindo abordagens metodológicas como investigação qualitativa, o diálogo de saberes e pesquisa-ação participativa. No entanto, também estamos vendo abordagens novas e inovadoras, abordando a conceituação e o uso de novas tecnologias como IA, a pluralidade dos sistemas de conhecimento, em particular as múltiplas maneiras pelas quais o sistema de conhecimento indígena está ganhando visibilidade e obrigando a pesquisa e a prática a confrontar seus próprios dogmas. Esperamos que esta edição especial contribua para essas investigações e debates.

## **Justiça Planetária**

Em segundo lugar, vivemos em uma época de grandes desafios no desenvolvimento capitalista, situação em que o custo social das injustiças sistêmicas é cada vez mais evidente e preocupante, e quando os desafios ao desenvolvimento capitalista atual são colocados pelas mudanças climáticas, guerras, migrações em massa, múltiplas exclusões e avanços tecnológicos. O papel da comunicação para abordar esses desafios sociais e políticos é complexo e requer uma análise aprofundada. Há que se entender



que não são só injustiças materiais, mas injustiças sistêmicas, incorridas pelas políticas e práticas econômicas neoliberais, mas também pelos modelos de desenvolvimento antropocêntricos. É fundamental para compreender de que se trata a injustiça planetária e como se pode melhorar com a comunicação, a redefinição e expansão do conceito de justiça para não se refira apenas questões legais, mas também a aspectos éticos, sociais, culturais e ambientais, e se reúnam em torno de um modo fundamentalmente diferente de conceber a ciência e a mudança social.

## Novos espaços e atores de mudança social

Em terceiro lugar, os atores envolvidos na comunicação para a mudança social são cada vez mais diversos. As organizações civis e os movimentos sociais em toda a sua variedade, que se comprometem com a comunicação para a transformação social, tornaram-se visíveis e ganharam impulso na constituição de mudanças civilizacionais em nível global. Analisar a amplitude e o impacto desses atores da sociedade civil é fundamental para entender o papel desse campo na prática. Nisso reside também uma rearticulação da importância da mudança coletiva como um aspecto central de como a transformação ocorre. É nesse contexto que surge esta edição da *Mediaciones*.

Este número da revista *Mediaciones* parte de uma chamada aberta, o que favoreceu receber diferentes contribuições de distintas regiões e países, com o objetivo de reunir artigos que reflitam sobre o legado do campo da Comunicação o Desenvolvimento e para a Mudança Social, a partir de discussões teóricas, para que ofereçam análises críticas sobre as abordagens conceituais originais, assim como para apontar cenários para o futuro, e analisar experiências contemporâneas. Acreditamos que o objetivo foi contemplado, como pode ser visto a partir do conjunto de artigos aqui publicados, que são ordenados em uma sequência baseada em três eixos temáticos.

O primeiro eixo é composto por quatro artigos que discutem os conceitos de *desenvolvimento e de comunicação para a mudança social* e que avançam propondo mudanças nos conceitos tradicionais. O primeiro é de Jharna Brahma intitulado “Beyond the Wounds of the Fall: Exploring New Positions of Communication for Social Change through disciplinary disruptions”. O artigo de Brahma explora perspectivas epistemológicas alternativas no contexto da Comunicação para a Mudança Social (CfSC), com base nos resultados da pesquisa etnográfica sobre a prática do ‘Teatro do Oprimido’ de Jana Sanskriti em Bengala Ocidental, Índia. Ele desafia as abordagens convencionais de desenvolvimento e justiça social, alinhando-se com as ideias radicais que pressionam pela justiça social por meio da justiça cognitiva. O artigo advoga um afastamento das posturas reativas, e defende uma mudança epistemológica para fomentar uma compreensão holística do desenvolvimento e da mudança social. O artigo também destaca alguns aspectos negligenciados no campo da comunicação para a mudança social, enfatizando a necessidade de identificar e explorar possíveis pontos cegos que podem ter sido negligenciados, mas desempenham um papel significativo nos processos de mudança social.



O segundo artigo é de Eric Ewoh Opu, e intitulado “Citizen Spaces as Communicative Arenas for Environmental Justice in Climate Change Governance: The Case of the Ngoyla-Mintom Projects in Cameroon”. O artigo de Opu examina a natureza e o papel dos espaços orgânicos liderados por cidadãos como espaços comunicativos de mudança na gestão de recursos naturais relacionados às mudanças climáticas. Com base em um estudo de caso, os projetos de manejo florestal sustentável Ngoyla-Mintom no leste de Camarões, Opu examina como as práticas comunicativas deliberativas decorrentes de espaços orgânicos criados por comunidades locais e ONGs permitiram a defesa de políticas por meio da “mobilização da dissidência” nos projetos. O artigo de Opu destaca uma tendência crescente na comunicação para a mudança social, na qual os cidadãos comuns estão se tornando mais hábeis em articular suas preferências em espaços auto-organizados, tanto offline quanto online. As evidências indicam que os “espaços envolvidos” implícitos no paradigma da participação na comunicação para o desenvolvimento não parecem mais ser as arenas onde as trajetórias de mudança social são criadas por meio do “diálogo” e do “consenso”, como até agora estava implícito. Em vez disso, as trajetórias de mudança social são cada vez mais influenciadas e moldadas, às vezes vigorosamente, por cidadãos mobilizados de dentro de espaços criados/orgânicos fora dos espaços tradicionais. Tais conclusões são significativas para a forma como conceituamos o papel dos espaços na comunicação para a mudança social.

A sequência inclui o texto “Comunicação para o desenvolvimento sustentável: dimensões, características e unidades de análise”, de autoria de Clovis Reis, Regina Hostin e Patricia Pêcego, do Brasil. Esses autores revisam a trajetória histórica das abordagens de comunicação para o desenvolvimento e sugerem a aplicação dos critérios de desenvolvimento sustentável ao campo da comunicação para o desenvolvimento e a mudança social. Ou seja, a partir da sintonia com cada realidade local, respeitando o ecossistema social e a gestão solidária dos recursos, e incorporando as dimensões econômica, ecológica, espacial e cultural, avança-se na direção de uma Comunicação para o Desenvolvimento Sustentável baseada nos princípios da Comunicação Participativa e outros conceitos como empoderamento, equidade, inclusão social e direitos humanos.

Karina Herrera Miller fornece uma reflexão verdadeiramente profunda em seu artigo “Comunicación y cambio social: territorios de sentido en disputa”, sobre el proceso de como os conceitos de “comunicação e mudança social” aparecem na história e no mapa desconectado do campo inicial da “comunicação”. Ela, que representa uma pensadora latino-americana com uma longa trajetória ao lado de grandes nomes como Luis Ramiro Beltrán, de forma cuidadosa, detalhada e passo a passo, fornece um texto que reúne com profundidade e lucidez esse processo de grande valor para a academia. No caminho, ela ouve e considera as críticas e debates que ocorreram em torno do nascimento do campo e os inclui de forma enriquecedora, mas na perspectiva latino-americana. Certamente este texto fará parte das bibliografias de nossos cursos sobre teorias da comunicação e Comunicação, Desenvolvimento e Mudança Social.

No segundo eixo, reunimos os artigos que também fazem uma discussão teórica, mas tomam uma distância prudente da temática de fundo, para enriquecê-la abordando a questão da mobilização social e o debate sobre docolonialidade. O primeiro é o

trabalho de Juan Camilo Jaramillo, “Movilizar es convocar, convocar es comunicar”, um relato potente história poderosa desvenda cuidadosamente o conceito de mobilização social desde suas origens para colocá-lo no contexto da comunicação política. A partir daí, aproxima-se de fatores-chave como o fato de ser um fenômeno que só ocorre no relacionamento social, em condições de confiança, diálogo e argumentação e que constrói uma abordagem mais próxima do popular do que de qualquer outra, porque não é única ou homogênea, mas mais oral e expressa o conhecimento e os imaginários das pessoas. Ele não menciona o termo “comunicação para mudança social”, mas constrói o argumento para gerar uma relação inescapável entre esses dois conceitos.

O próximo artigo é de Leonardo Custodio intitulado “An Autoethnographic Reflection on the Verb “To Decolonize” in Sociological Knowledge Production” que aborda a decolonização a partir da realização de uma autoetnografia. Embora a decolonização, de acordo com Custodio, tenha se tornado uma palavra da moda na academia, o debate sobre o que isso significa em relação às mudanças individuais, coletivas, institucionais e estruturais na academia permanece pouco discutido. Inspirado em Tuck e Yang (2012), Custódio, ele próprio descendente de pessoas escravizadas de uma ex-colônia portuguesa (Brasil), reflete sobre sua própria relação com a colonialidade e o que significa “decolonizar” em sua própria trajetória acadêmica. O objetivo do ensaio é refletir sobre as próprias escolhas epistemológicas e posições de poder de um pesquisador em uma academia desigual e hierárquica.

Em seguida, no eixo três, estão os oito trabalhos que apresentam os resultados de pesquisas empíricas, seja a partir de análises de mídias comunitárias como rádio, televisão e documentários, mas também de abordagens mais amplas sobre a participação cidadã, as lutas populares em prol da agroecologia, a formação de mulheres para a apropriação de meios de comunicação e as questões de gênero e de idade como lutas pela ampliação da cidadania. Neste eixo temos os trabalhos comentados a seguir. Orley Reinaldo Durán Gutiérrez participa com o artigo “Ordenar el río y el territorio. La experiencia participativa del Plan de Ordenación Pesquera del Bajo río Sogamoso, Colombia desde el enfoque de la Comunicación para el Cambio Social”, no qual analisa os resultados de uma pesquisa empírica sobre formas e processos de comunicação em uma comunidade pesqueira, que passou por transformação profunda de sua realidade aquática de sobrevivência. São enfatizados o papel da arte e da cultura como expressões de códigos e representações profundas da comunicação, e a importância da participação popular na tomada de decisões sobre os territórios.

Rodrigo Rossi Morelato compartilha, em seguida, os resultados de uma pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, sintetizada no artigo “Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU): mudança social, comunicação e cidadania”. Trata-se de um estudo sobre a dinâmica da organização popular no contexto dos movimentos sociais agroecológicos em prol do cultivo agrícola em plena área urbana, no contexto das favelas, em cujos processos a comunicação comunitária participativa é central para a mobilização e para a construção de agendas comuns de lutas por direitos relacionados à autossustentabilidade, assim como por leis e políticas públicas correspondentes e pelo direito à cidade, sem distinção entre o viver e o plantar. O autor mostra que o processo



de mobilização local é dinâmico e crescente, de modo que os atores coletivos chegaram a constituir-se numa rede de movimentos sociais (Rede CAU) que há mais de 15 anos desenvolve ações coletivas de incidência política em favor do coletivo, por meio da coordenação de ações e formas autônomas de governança mediadas pela comunicação, que envolve meios de comunicação e canais de divulgação, mas é essencialmente uma comunicabilidade face a face e grupal.

Da América Latina passamos para o continente africano, com o artigo de Emmanuel Essel e Eliza Govender sobre “Access, participation and social capital as intangible results of the practice of community radio in Ghana”. Os autores demonstram que o acesso à liberdade de expressão ainda é uma batalha no contexto da resistência popular e que as rádios comunitárias desempenham um papel relevante no processo de comunicação para a mudança social em Ghana, pois, ao permitir o acesso dos membros da comunidade aos meios de comunicação de massa, ajuda a desenvolver o capital social entre os membros da comunidade e favorecem a participação ativa dos cidadãos nas mídias sociais. discursos públicos. Os membros da comunidade participam diretamente da programação, além de serem produtores e apresentadores de séries de conteúdo de interesse público e, assim, fortalecem as identidades e a valorização da língua e das culturas locais.

O artigo sobre “Género, tecnología e innovación social” de Lucía Benítez Eyzaguirre, realizado no Marrocos e na Tunísia, apresenta um estudo de caso chave para observar como o uso da tecnologia como empoderamento constitui um fator de desenvolvimento e transformação, especialmente em grupos vulneráveis como as mulheres, permitindo-lhes capacidade de conexão entre elas e com o mundo na perspectiva do próprio desenvolvimento. E, ao mesmo tempo, dá um passo à frente nos estudos de comunicação para a mudança social em direção ao futuro imediato, deixando uma pista para uma das linhas estratégicas que requer reflexão: as tecnologias e o papel na comunicação cidadã.

“PhillyCAM: A Hub for Media Makers on Ranstead Street”, de Clemencia Rodríguez, é uma história com uma marca muito pessoal, que conta com cuidado e delicadeza um estudo etnográfico realizado na Filadélfia sobre um caso particular, que coleta e evidencia processos de televisão comunitária que surgiram em muitos lugares dos Estados Unidos. Destaca-se o formato narrativo em que está escrito, que tem origem local, mas uma projeção universal apontando o que é substancial para a mídia cidadã, neste caso, uma experiência televisiva como PhillyCAM. Este relato caracteriza os aspectos fundamentais deste tema, recolhe e apresenta de forma muito inspiradora a estudiosos desta temática e a etnógrafos da comunicação em busca de horizontes metodológicos transformadores.

O artigo seguinte, de Ana Fernández Viso, é intitulado “Cuestionar y enfrentar el edadismo hacia las personas mayores desde la comunicación. El caso del movimiento asociativo de personas mayores en El Salvador”. O texto trata da questão da discriminação por idade avançada e como ele, por meio de estereótipos, preconceitos e discriminações, constitui um problema de direitos humanos conhecido como idadeismo. O idadeismo se manifesta em três níveis: institucional, interpessoal e autoinfligido, e explícita ou

implicitamente, quando se normaliza e faz parte do quadro cultural de referência de uma sociedade. Fernandez-Viso explora essas complexidades desvendando um caso de El Salvador em que os idosos há quase duas décadas se organizam e se mobilizam para reivindicar seu direito a uma velhice digna. Desde 2017, eles se engajam na comunicação para a mudança social como um elemento-chave em sua estratégia de luta contra o preconceito por idade. O artigo de Fernandez-Viso descreve e analisa sua estratégia comunicativa e oferece insights sobre algumas das conquistas.

Hazeena T, em seu artigo “Wildlife in the Backyard: Contemplating on Human-Wildlife Interactions by Community Radio in South India” explora o papel dos meios de comunicação na escalada das interações homem-vida selvagem, interação que cada vez mais resulta em conflitos. Os estudos atuais que conectam os meios de comunicação e as interações entre humanos e vida selvagem lidam predominantemente com a representação midiática dos conflitos. Além disso, a literatura carece de informação sobre como os meios comunitários se envolvem nas interações entre humanos e animais selvagens, apesar e os referidos meios terem vasta experiência em abordar questões ambientais em muitas partes do mundo. Para preencher essa lacuna, o artigo de Hazeena explora um estudo de caso de mídia comunitária do estado de Tamil Nadu, no sul da Índia. Rádio Kotagiri. Utilizando dados qualitativos juntamente com o conteúdo das mensagens publicamente disponível da rádio, Hazeena examina os engajamentos dos meios comunitários em relação às interações homem-vida selvagem. A análise revela as dimensões dos esforços das rádios comunitárias na busca de conversações sobre coexistência no nível de base e sua contribuição para ampliar as realidades das pessoas comuns em relação às interações entre humanos e a vida selvagem na região. Em última análise, aspira a ser uma instância capaz de centrar a matriz socioecológica em ação nas narrativas.

Frederico Augusto dos Santos Ângelo, analisa em seu artigo “Bombozila e o Projeto Tambor: todos na fila do SUS”, por meio de um estudo de caso, a luta de grupos por direito à saúde no período da pandemia da Covid 19, documentada por coletivos independentes de audiovisual, como forma de denunciar, resistir e registrar a memória de lutas populares pela cidadania. O estudo conclui que o uso da plataforma de streaming Bomboliza e o próprio registro audiovisual demonstram a possibilidade contemporânea que viabiliza as novas inserções no mundo visível e concede que grupos minoritários, historicamente excluídos, tenham um olhar voltado as suas necessidades e ao autoconhecimento, ao mesmo tempo em dão visibilidade às suas reivindicações.

## **Concluindo**

O que esta edição comemorativa do 30º aniversário da Faculdade de Ciências da Comunicação e, por sua vez, do 25º aniversário da própria revista, recolhe e capta é um conjunto muito representativo de artigos que chegaram livremente inspirados pela chamada e que indicam uma agenda e o percurso atual da investigação em comunicação nos quatro continentes, contudo, sem pretender dar conta de todo o universo da debates



teóricos e de experiências que perfilam a Comunicação para o Desenvolvimento e Mudança Social nos diferentes continentes.

Um primeiro aspecto é a maneira como esta edição mostra que, embora as reflexões teóricas continuem sendo uma atividade fundamental no campo do CDCS, ela também mostra que suas reflexões surgem dos estudos de caso, tão típicos dessa dinâmica. Aqui encontramos ambos formatos e narrativas investigativas. Reflexões e debates sobre os conceitos fundadores do campo se mantêm e suas conexões entre eles são aprofundadas.

Em termos de temas, vemos como o interesse e a ação da mídia cidadã permanecem e englobam novos aspectos e atores. E as questões que parecem marcar o futuro do campo estão surgindo com força, como a transcendência das tecnologias nas mudanças de setores-chave, a centralidade da justiça ambiental não apenas nos setores rurais, a atenção a novos atores sociais (para além da questão das mulheres, infância e gênero) que não haviam sido protagonistas dos estudos do CDCS. E os formatos metodológicos que especificam cada vez mais os aspectos qualitativos participativos e o diálogo de saberes.

Por fim, permanece aberta uma porta para as novas tendências que vêm surgindo de agências de cooperação como o UNICEF, que tradicionalmente têm feito contribuições valiosas para pensar e concretizar a Comunicação para o Desenvolvimento e a Mudança Social (CforD), sobre a mudança de paradigma que começa a surgir e que hoje denominam *Mudança Social e de Comportamento*. As agências de cooperação têm sido espaços importantes para pensar e construir o campo, desde meados do século passado, e assistimos no presente o surgimento de novos paradigmas, alguns dos quais tratamos nesta edição da revista *Mediaciones*.

## Referências

- Herrera-Huerfano, E., J. Pedro-Caranana, and J. Ochoa Almanza. (2023). Dialogue of Knowledges in the Pluriverse. In *Communicative Justice in the Pluriverse. An International Dialogue*. Edited by J. Pedro-Caranana, E. Herrera-Huerfano and J. Ochoa Almanza. London: Routledge, pp. 5–31.
- Peruzzo, C. K. (2022). *Pedagogy of community and popular communication in social movements. (Pedagogy of Community and Popular Communication in Social Movements)*. Porto Alegre: Sulina.
- Suzina, A. C., ed. 2021. *The Evolution of Popular Communication in Latin America*. London: Palgrave.
- Teer-Tomaselli, Dyll and Govender (2021). *Twenty years of communicating social change: A Southern African perspective on teaching, researching and doing*. In: *Learning from Communicators in Social Change: Rethinking the Power of Development*, p. 211-33. Springer.



Tuck, E. and Yang, K. W. (2012). Decolonization is not a Metaphor. *Decolonization: Indigeneity, Education and Society*, 1(1): 1-40.

Tufte, T. (2024a). Unlearning Communication for Social Change - A Pedagogical Proposition. *Social Sciences*, 13(7), 335-.

Tufte, T. (2024b). Emancipatory Communication: A Critical Reflection on Communication Sciences in the Post-Pandemic Era<sup>1</sup>. *Critical Arts*, 1–13.  
<https://doi.org/10.1080/02560046.2024.2358374>